

REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
fundada em 1917
Periodicidade semestral
XXXVII - N.º 2 - 1996

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Presidente - PROF. DOUTOR PAULO DE PITTA E CUNHA

Vogais - PROF. DOUTOR JORGE MIRANDA

- PROF. DOUTOR PAMPLONA CORTE-REAL

- PROF. DOUTOR DUARTE NOGUEIRA

- MESTRE RUI CARLOS PEREIRA

- MESTRA TERESA LUSO SOARES

- MESTRE LUÍS MÁXIMO DOS SANTOS

- MESTRE JORGE BACELAR GOUVEIA

PROPRIEDADE E SECRETARIADO

Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1699 Lisboa Codex - PORTUGAL

Telefone 7977053/54; Telecópia 7950303

EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LEX - Edições Jurídicas, Lda.

Av. de Berna, 31, R/c Esq.

1000 Lisboa

Telefone 7931585

Fax 7960747

Publicação subsidiada pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica

ISSN 0870-3116

I Doutrina

- Maria Angélica Gelli* — El Derecho a la Vida en el Constitucionalismo Argentino: Problemas y Cuestiones 363
- Soares Martínez* — Uma Interpretação de Francisco de Miranda, Aventureiro, Militar e Político 379
- Vitalino Canas* — Tribunal Constitucional: Órgão de Estratégia Legislativa? 393
- António Sequeira Ribeiro* — Sobre os Pactos de Jurisdição na Convenção de Bruxelas de 1968: Uma Breve Abordagem ao Art. 17º .. 407
- Carla Amado Gomes* — Pistas de Investigação para o Estudo do Controlo Jurisdicional das Operações Materiais da Administração . 453

II Trabalhos Legislativos

- Maria Fernanda Palma e Paulo Otero* — Revisão do Regime Legal do Ilícito de Mera Ordenação Social 557

III Vida da Faculdade

- Jornadas de Direito Constitucional — Discursos. Discurso do Presidente da República. Discurso do Professor Jorge Miranda 595
- José de Oliveira Ascensão* — Parecer sobre o «Relatório sobre o Programa, o Conteúdo e os Métodos de Ensino da Disciplina de Direito e Processo Civil (Arrendamento) 603
- Doutoramento *Honoris Causa* de *Jorge Miranda* 609
- Jorge Miranda* — Arguição da Dissertação de Doutoramento em Direito (Ciências Jurídico-Políticas) do Mestre Paulo Otero 615
- Jorge Miranda* — Parecer sobre o Ensino Superior Particular e Cooperativo 625
- Convénio com a Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais 643
- 1º Curso de Pós-Graduação em Ciências Político-Administrativas — Programas 645
- Jorge Miranda* — Projecto de Regulamento de Avaliação dos Alunos 677

UMA INTERPRETAÇÃO DE FRANCISCO DE MIRANDA, AVENTUREIRO, MILITAR E POLÍTICO (*)

SOARES MARTÍNEZ (**)

1. A história da vida de Francisco de Miranda não constituirá um modelo para uso de catequistas. Mas Miranda foi um daqueles homens excepcionais que confiaram sem limites na sua força e no seu destino, por forma tão absorvente que se sentiram na necessidade de concentrar neles, como bem próprio, originário e definitivo, o fogo que lhes vinha do Criador. Ora tais homens, tentando negar a sua condição de criaturas, às vezes proclamando mesmo a morte dos deuses, substituídos pela abstracção do próprio homem, ou pela individualização nalguns homens iluminados, ou neles próprios apenas, constituem um exemplo vivo, de rara expressão, do mais amplo reflexo da divindade ao nível dos humanos. Precisamos, nalguns momentos, de analisar a vida, os feitos, as atitudes, desses homens, para melhor sentirmos a realidade do transcendente, através da sua mesma negação. Suponho ter sido esse aspecto que irresistivelmente me atraíu para a personalidade complexa de Francisco de Miranda.

2. Sem dúvida que Miranda se revela como fruto de uma época e de um enquadramento geográfico. Como, mais ou menos, todos nós. Sob esse ponto de vista não haverá nele marcada originalidade. Se Miranda não tivesse nascido nesta cidade de Caracas, se o pai não tivesse sido um rico comerciante de panos e de frutas, com pretensões aristocráticas, se o jovem Francisco não tivesse sido lançado no meio das contradições daquela Corte de Carlos III, se Madrid não tivesse sido menos aberta do que parecia, sob o Iluminismo, face às suas ambições, Francisco de Miranda, provavelmente, não teria corrido mundo, não teria deixado rasto de tantas aventuras amorosas, democraticamente repartidas por palácios e hospedarias, não teria escrito

(*) Conferência proferida na Universidade Católica de Caracas, em 8 de Junho de 1993.

(**) Doutor em Direito. Professor Jubilado da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

o seu extenso diário, não seria apontado como precursor das independências latino-americanas, não teria morrido num presídio de Cádiz, fiel a si mesmo, coerente, na sequência de tantas aparentes incoerências da sua atribulada vida.

3. Sem o condicionalismo que o rodeou, ou apartado de alguns dos respectivos elementos, Sebastião Francisco de Miranda y Ravelo Rodríguez Espinoza teria recebido um pequeno comando militar, feito um casamento adequado, beneficiado do respeito da gente da comarca onde fixasse residência, morrido rodeado dos filhos e dos netos, depois de recebidos os sacramentos da Santa Madre Igreja. E já se teria perdido a memória de quem fora, excepto, talvez, no plano restrito de alguns descendentes ciosos de genealogias, se outras mais ilustres não pudessem exhibir.

4. Ora Francisco de Miranda é uma grande figura da História, que dificilmente se esquecerá. Valeu a pena que o fosse? Não sei responder. Até porque nunca me senti convencido pelo dito de Fernando Pessoa. Admito que nem tudo valha a pena, quer as almas sejam grandes quer pequenas. Há quem tente contrariar o que está, ou parece estar, inscrito na natureza das coisas, há quem ofenda valores éticos e estéticos mais ou menos incontestáveis, há quem procure atastar os homens do destino que se acha em conformidade com a sua origem. Também isso valerá a pena, ao menos porque Deus escreve direito por linhas tortas? Mas mesmo quando se nos afigura legítimo optar, frente às grandes encruzilhadas da vida, e da morte, a nível individual como a nível colectivo, havemos de duvidar se todos os termos das alternativas valem igualmente a pena, a não ser, como diria Kant, apenas na base da excelência de qualquer boa vontade. Porquanto a ignorância da sequência dos encadeamentos causais sempre nos deixará perplexos quanto às resultantes pragmáticas das opções. Não sei, pois, se valeu a pena a Francisco de Miranda, ou a todos nós, que ele tenha sido conforme foi. Esse é um ponto, como muitos outros, sobre o qual espero ser esclarecido pelo juízo final de que dependerá a minha salvação, e a salvação de todos nós.

5. Mas porque não havemos de renunciar a conhecer, desde já, o que nos é acessível, embora em termos condicionais, hipotéticos, como é próprio da nossa condição, precisamos de analisar personalidades plenas, multi-facetadas, robustas, como a de Miranda. Precisamos de Francisco de Miranda, tal como ele foi, para melhor ajuizarmos da sua época e das sequelas que essa época projectou no tempo, até estes conturbados dias que estamos vivendo.

6. Encontro paralelos flagrantes entre Francisco de Miranda e alguns portugueses seus contemporâneos, também atingidos pelo bafo renovador do Iluminismo, e que melhor conheço. Também Gomes Freire de Andrade, como Miranda, correu mundo, ingressou em clubes de livre-pensadores, serviu na Rússia como militar, beneficiou da protecção do favorito de Catarina II, Potiemkine. Também Gomes Freire serviu Napoleão, como anos antes Miranda foi general da República Francesa, sob o comando de Dumouriez, de quem recebeu o encargo de conquistar a cidade holandesa de Maastricht. Donde advieram os primeiros grandes dissabores da vida de Miranda

porque, tendo falhado no empreendimento, isso lhe valeu ser encerrado na prisão do Templo e julgado pelo Tribunal Revolucionário de Paris, acusado de traição. Como aconteceu, naquela época, a muitos outros generais. Entre eles, Beauharnais, o primeiro marido de Josefina, e Custine, com cuja viúva Miranda viria a manter estreita intimidade. O suposto insucesso militar degradou Miranda da sua qualidade de «cidadão do mundo» e de general francês. Voltou a ser, para os meios revolucionários, o «espanhol», à sua origem se atribuindo a traição assacada. Mesmo assim, Miranda escapou à guilhotina, sendo absolvido. Maastricht constituiu, para ele, apenas uma séria ameaça, não uma tragédia irremediável. Mas a passagem pela prisão do Templo terá determinado Miranda, de algum modo, a pôr fim à sua aventura francesa. Acabou por passar longos períodos na Inglaterra, onde encontraria uma criada de grande dedicação, Sara Andrews, de quem teve dois filhos, os únicos de que há memória, ou, pelo menos, os únicos que Miranda mencionou em testamento e recomendações, sempre com a indicação de serem ilegítimos.

7. A referência à prisão do Templo recorda-me outro paralelo português. Também lá esteve António de Araújo de Azevedo, futuro Conde da Barca, não obstante a sua qualidade de diplomata, acreditado na Haia mas que se deslocara a Paris a fim de negociar a paz entre a França e Portugal, abandonado na luta em que se empenhara pelos seus aliados espanhóis e ingleses. Araújo, em cumprimento de instruções de Lisboa, procurara usar, em proveito do seu país, a conhecida corrupção aos ministros franceses do «Directório». O Príncipe-Regente D. João mantinha-se fiel aos ensinamentos do seu antepassado D. João V, segundo o qual não deveria pagar-se com sangue o que pudesse obter-se pelo ouro. Mas qualquer coisa correu mal nas negociações; e, por isso, Araújo aguardou, durante longos meses, a sua libertação da cadeia do Templo. Mas não foi apenas o local comum de privação de liberdade que me levou a estabelecer um paralelo entre Miranda e o português Araújo. Também este, embora com a descrição própria de diplomata e, depois, de conselheiro e secretário de Estado do Rei Fidelíssimo, frequentou clubes de livre-pensadores, mostrando-se sempre favorável à França e ao seu pendor revolucionário, por isso tendo sido escolhido para negociar com os governantes de Paris, em condições particularmente melindrosas. Porque o Príncipe-Regente sabia utilizar homens de todas as feições, em defesa dos interesses de Portugal. Araújo foi, como Miranda, um produto característico do Iluminismo setecentista.

8. Muitos outros paralelos com portugueses me ocorrem. Por exemplo, entre algumas passagens do diário de Miranda e os escritos de Francisco Solano Constâncio, que viveu na Inglaterra e em França, trocando a cirurgia pelos estudos políticos e económicos, será fácil descortinar as leituras comuns que inspiraram iguais ou semelhantes conclusões.

9. Com efeito, Francisco de Miranda foi também homem de muita leitura, necessariamente iniciada em Caracas, na adolescência e na primeira juventude. Leitura, talvez, por vezes precipitada, mas cuja fácil assimilação mostra bem os dotes de inteligência e a capacidade de trabalho. Adquiriu Miranda, desde o tempo que viveu

em Madrid, livros numerosos e de muito diversa natureza, entre eles se contando os de matemática, de arte militar, de literatura em geral, além dos clássicos políticos dos séculos XVII e XVIII, e as obras eróticas, que mandava ir de França, cuja importação lhe criou, por vezes, algumas dificuldades junto do Santo Ofício. Muitos dos livros reunidos eram escritos em línguas estrangeiras, das quais Miranda, já na juventude, tinha razoáveis conhecimentos. Segundo Laura Junot, que o conheceu, em Paris, ao findar do século, Miranda falava mal o francês, mas com bastante fluência o italiano (Vd. «Mémoires de Madame la Duchesse d' Abrantès», ed. de 1927, Paris, vol. I, p. 254). Julga-se que conhecesse também a língua inglesa, além, naturalmente, do castelhano.

Mas que fazia Miranda em Madrid? Lia, estudava, visitava museus, gastava, com largueza, o dinheiro que o pai lhe enviava de Caracas, obtinha do Rei de Armas de Espanha uma executória de nobreza, com certificado de «limpeza de sangue», e alcançava, ao fim de pouco mais de um ano na Corte, a patente de capitão do Regimento de Infantaria da Princesa. Nessa qualidade foi enviado para Marrocos, onde teve o seu baptismo de fogo, e onde, como tantas vezes acontece, as manifestações do seu valor pessoal terão sido, possivelmente, obnubiladas por impertinências de que usava junto dos seus comandantes, pelos propósitos veementes de que se servia em defesa da excelência das soluções por ele propostas. Sentiu-se Miranda frustrado nas ambições de promoção e veneras. Continuou a ser menos prudente no trato com os superiores e sofreu então as suas primeiras penas de encarceramento, embora ligeiras, sem que a continuidade da sua carreira militar parecesse ser posta em causa. Quando a Rainha-Mãe de Portugal, D. Mariana Vitória, irmã de Carlos III, regressou de Madrid, depois de solucionar as pendências luso-espanholas que tinham posto em risco o domínio português no Sul do Brasil, foi o capitão Francisco de Miranda que, em Jaraicejo, lhe prestou honras militares. Mas o jovem oficial continuou a mostrar-se irrequieto; e foram-lhe feitas acusações várias. Entretanto, porém, a Espanha, aliada à França, entrou em guerra com a Inglaterra, aproveitando as circunstâncias para dar apoio aos insurrectos da América do Norte. E Francisco de Miranda atravessou, de novo, o Atlântico, em sentido inverso ao que percorrera em 1771, para combater os ingleses, em Cuba e na Luisiânia. Foi aí mais bem sucedido do que em Marrocos, valendo-lhe a sua actuação ser promovido a tenente-coronel. Tinha trinta e dois anos de idade.

11. Encarregado de negociar trocas de prisioneiros, ter-se-ão iniciado os contactos de Miranda com oficiais ingleses. Se é que não se tinham iniciado já antes, em Gibraltar, quando se achava de guarnição em Cádis. Esses contactos viriam a estar na base de novas acusações que lhe foram feitas. Uma de entendimento com os ingleses, pois teria mostrado as fortificações de Havana a um general britânico; outras, de ter praticado actos de contrabando. Tais acusações terão decidido Miranda a fixar-se, por longos períodos, tanto nos Estados-Unidos como na Inglaterra, aí diligenciando apoios para o projecto de tornar independentes as colónias espanholas da América, projecto esse que havia de suscitar interesse tanto em Filadélfia como em Londres. Tendo perdido as colónias da América do Norte, pelo auxílio franco-espanhol aos revoltados, os ingleses meditaram longamente sobre as dificuldades políticas com que

então depararam. Em parte devidas às exigências do parlamentarismo britânico, que nem sequer se compadecia com o secretismo das operações militares, para as quais havia que obter das Câmaras as indispensáveis dotações financeiras. A muitos políticos ingleses se apresentou como meio indispensável à defesa do Reino Unido, a nível mundial, que também a França e a Espanha adoptassem as soluções de governo que vinham da «glorious revolution» de 1688, justificada pelos escritos de Hobbes e de Locke, que importaria exportar para o Continente. As conhecidas ambições do Duque de Orléans serviriam o propósito. Mas importaria também, no Ultramar, suscitar, ou animar, reacções contra os governos de Paris e de Madrid.

12. Neste contexto se deverá situar, no regresso da guerra da América, a robusta e complexa personalidade de Francisco de Miranda. Carlos III de Espanha, o filho de Isabel de Farnésio, vindo do seu trono de Nápoles para ocupar o de Madrid, pela morte do irmão Fernando VI, tudo quisera transformar, quebrando o suposto atraso de Castela. Os seus ministros italianos, na ânsia renovadora, até tinham pretendido vedar aos espanhóis o uso de chapéus redondos e de capas compridas.

Os chapéus haviam de ser de três bicos e as capas não poderiam cair para além do meio das costas. As reacções, porém, foram muito vivas, delas dando expressão, nomeadamente, os célebres «motins de Esquilache». Carlos III acabou por modificar muitos aspectos da sua política, supostamente liberalizante, com acentuada carga de despotismo. Mas é sempre difícil escorar um edifício que se pretendeu demolir. Os ministros italianos partiram, as contradições e as incoerências ficaram. Com elas a pesadíssima herança política que o Rei deixou ao filho e sucessor, Carlos IV. E da reacção contra a política inicial de Carlos III resultaram condicionalismos que não favoreciam as ambições de um homem impaciente como Francisco de Miranda, que tinha, entre outras, a virtude de não se conformar com as duplicidades de vida que costumam contentar muitos e, às vezes, quase todos.

13. Depois da participação de Miranda na guerra da América, alguns ingleses que o conheceram viram nele um valioso elemento com o qual havia que contar para as previstas hostilidades contra a Espanha. Mas não foram apenas os ingleses que fixaram as atenções em Miranda. A Rússia de Catarina II preparava-se para ocupar uma posição de relevo no Mundo, não lhe sendo indiferente o que se passava nas Américas. Compreende-se, assim, a forma carinhosa como o Príncipe Potiemkine e a própria Imperatriz terão tratado Francisco de Miranda, durante a sua longa peregrinação pelas terras do domínio russo. Miranda conhecia a situação dos povos latino-americanos, ou era suposto conhecê-la, conhecia a Espanha e os espanhóis, vivera a guerra da independência da América do Norte, contactara com diversos políticos e militares dos Estados Unidos, mostrava uma cultura e uma argúcia ajustadas a colher valiosos ensinamentos das suas experiências. Bem podia o encarregado de negócios da Espanha informar os russos no sentido de que aquele viajante acarinhado pela Corte imperial já deixara de ser coronel, que era falso o título exibido de «Conde de Miranda» e que a sua actuação era perigosa. A isso lhe respondiam os ministros russos que, sendo indesejável a sua presença em Espanha, bem se acharia naqueles territórios imperiais, tão afastados das possessões de Madrid. Parece mesmo crível que

a Francisco de Miranda tenha sido oferecido pela Rússia um posto de coronel. O Império moscovita tinha nas suas fileiras numerosos oficiais estrangeiros. Nessas fileiras, pela mesma época, militou o já citado português Gomes Freire de Andrade. Também os propósitos de livre-pensador de Miranda seriam presumivelmente do agrado de Catarina II, que tanto protegeu os «filósofos» franceses e prussianos, ao mesmo tempo que deva abrigo aos jesuítas expulsos dos países católicos. O realismo da política externa russa, nesse, como noutros pontos, semelhante ao da Prússia, orientava-se por forma a captar todos os descontentes de países com os quais a Rússia tinha, ou pudesse ter, diferendos.

14. Só se torna mais difícil entender por que razão Miranda, mostrando-se deslumbrado com os requintes da Corte russa e com o acolhimento que nela encontrou, lá não tivesse querido ficar. Ou duvidou, com razão, da eficácia do apoio que a Rússia quisesse, e pudesse, dar aos projectos de independência latino-americana, ou era muito forte o desejo de correr mundo. Da Rússia seguiu Miranda para a Escandinávia, sobre cujos aspectos, os mais variados, tomou curiosos e minuciosos apontamentos. Em Copenhague terá privado muito com o ministro de Portugal, designado, no seu «Diário», por «Conde de Sousa». Era o Morgado de Mateus, José Maria de Sousa Botelho, que viria a casar, em França, com a Condessa viúva de Flahaut, célebre pelas suas aventuras, pela sua influência política e também pelas obras literárias, publicadas sob o nome de «Madame de Sousa».

15. Da Escandinávia seguiu Miranda em visita a várias cidades alemãs, sobre as quais registou observações de muito interesse. Assim como sobre a Holanda e sobre a Flandres. Aí, como noutras partes, já em viagens anteriores, na Itália, na Grécia, na Turquia, as reflexões suscitadas pelas visitas que fez a numerosíssimos museus revelam uma apurada cultura artística e uma requintada sensibilidade estética, que talvez contraste com outros aspectos da personalidade de Miranda.

16. Na Suíça, Francisco de Miranda, que, através das suas viagens contactou com personagens de muito relevo, conheceu Lavater, o sábio filósofo, cuja concepção irracionalista da vida se opõe ao racionalismo iluminista. E Lavater, cujo nome se popularizou, sobretudo, pela ligação estabelecida entre a fisionomia e o espírito, fortemente atraído por aquele homem invulgar, encarregou o pintor Von Klölen de reproduzir na tela os traços de Miranda, a quem o fisionomista atribuiu uma rara combinação de força, de capacidade de penetração e de apreensão, aliadas a um orgulho desdenhoso. Não precisou Lavater de conhecer o pleno desabrochar da carreira de Miranda para lhe definir a alma através da imagem. Aliás, nem a tela de Von Klölen nem a opinião de Lavater parecem diferir do retrato esboçado, em termos literários, por Laura Junot. Segundo a «Duquesa de Abrantes», Francisco de Miranda, que terá conhecido em Paris, em casa de sua mãe, era de rosto e estatura pouco comuns, mais pela originalidade do que pela beleza. A sua fisionomia - escreveu Laura Junot - iluminava-se enquanto falava. E falava com inconcebível rapidez. Aquele homem - concluía a Duquesa - devia ter no fundo da alma a chama de um nobre fogo (Vd. «Mémoires de Madame la Duchesse d' Abrantès», ed. de Paris, 1927, p. 254).

17. Quando Francisco de Miranda iniciou a sua viagem por França já soavam as fanfarras da Revolução. Mas não se demorou muito por lá. Seguiu para Inglaterra, onde teve trato com gente de vulto, participando em caçadas e outros recreios. Assistiu na Inglaterra à reacção contra-revolucionária, face aos sucessos de França, após o período inicial de geral aplauso em relação à queda do dito absolutismo, de que só Burke e poucos mais não terão participado. Contactou mesmo Miranda com emigrados franceses que tratavam de organizar incursões militares no seu país, aos quais aconselhou prudência e discrição.

18. Mas ainda na Inglaterra recebeu Miranda cartas de apresentação para diversos revolucionários franceses. E, em fins de Março de 1792, instalou-se num pequeno hotel de Paris, donde saíu para envergar a farda de general da Revolução. Miranda, geralmente minucioso nos seus relatos, não terá apontado elementos bastantes para se ajuizar deste passo fundamental da sua vida. No entanto, do ponto de vista do projecto de independência da América espanhola, não deixará de reconhecer-se coerência na sua atitude. Os Bourbons de Paris eram os naturais aliados dos Bourbons de Madrid. Não seria de excluir liminarmente um apoio dos revolucionários franceses aos planos de emancipação sul-americana.

19. Os amigos russos de Miranda lamentaram que se tivesse transformado em general «*sans-culotte*». Mas, se não fora o insucesso frente a Maastricht e o processo que, em consequência, lhe foi movido, é de crer que Miranda teria continuado a servir sob os estandartes da Revolução. De resto, a História à Revolução o ligou. E, no mármore do Arco de Triunfo de Paris, lá se encontra o nome de Miranda entre os dos generais da Revolução.

20. Embora absolvido, Miranda continuou a ser alvo de acusações políticas, baseadas nas suas ligações com os girondinos. Foi preso de novo, conforme era comum então. E tão provável terá julgado a hipótese de ser guilhotinado, que chegou a pedir ao célebre Dr. Cabanis lhe fornecesse um veneno que evitasse a subida ao cadafalso. Mas acabou por ser posto em liberdade, após longos meses de cativeiro. Ficou ainda algum tempo em França, mas seguiu depois para Inglaterra, onde esteve durante dois anos. Regressou a Paris já ao tempo do Consulado de Bonaparte, que Miranda conhecera general modesto, instrumento dos manejos do todo poderoso Barras, seu protector e protector de Josefina.

21. Mas nem a França do Directório nem a França napoleónica se mostraram favoráveis a Miranda, que, de novo, conheceu os cárceres do Templo, por ordem de Fouché, o tenebroso ministro da Polícia, embora por alguns dias apenas. Era compreensível. A Espanha de Carlos IV, ou de Godoy, tornara-se aliada da França. Paris não queria hostilizar Madrid. E Napoleão desconfiava de Miranda. Segundo Laura Junot, o futuro Imperador tinha-o na conta de um homem singular, vivendo no fausto, admissivelmente espião ao serviço da Inglaterra e da Espanha, ao mesmo tempo. Miranda era um indesejável. E indesejável de grande craveira, ou seja, da pior espécie dos indesejáveis. Com efeito, conforme opinião que Laura Junot atribui

também a Bonaparte, Miranda tinha qualquer coisa de sagrado na alma (Vd. «Mémoires de Madame la Duchesse d' Abrantès», ed. Paris, 1927, vol. I, pp. 252-253).

22. Contudo, de Espanha, ao fim de tantos anos, tinham chegado notícias agradáveis para Francisco de Miranda. O seu antigo comandante e amigo, General Juan Manuel de Cagigal, anunciou-lhe que a Audiência de Sevilha, finalmente, o absolvera das acusações que sobre ele impendiam no foro militar. Estava aberta a via do regresso. Parece ter havido uma hesitação no espírito de Miranda. A Espanha, onde ele tivera uma vida tão intensa, onde lhe fora reconhecida «limpeza de sangue» e nobreza, onde tinha, ou poderia recuperar, uma patente militar, a Espanha dos seus avós, da sua língua materna, esperava-o, aceitava-o. Porque não havia de regressar? Mas a hesitação terá sido curta. As faltas passadas, já remotas, estavam esquecidas, ou eram tidas por inexistentes; mas, apesar da aproximação do governo de Madrid ao de Paris, esqueceria a Corte borbónica as façanhas do general revolucionário, para mais praticadas numa época em que a Espanha se achava em guerra com a República Francesa? E quem ostentara o uniforme recamado a folhas de carvalho poderia envergar de novo a farda de tenente-coronel? Seria crível que os serviços de informação espanhóis desconhecessem o que Miranda já fizera, no decurso dos últimos anos, no sentido de alcançar a independência para os domínios da América? E a sua correspondência com os caudilhos revolucionários daqueles domínios? E até o facto de estar recebendo da Inglaterra uma pensão, que tinha por fundamento a liderança das insurreições latino-americanas? E ajeitar-se-ia Miranda à Corte de Carlos IV e de Maria Luísa de Parma? Todas as respostas a estas interrogações eram, necessariamente, negativas. Não podia voltar atrás. Estava irremediavelmente condenado a ser o precursor das independências latino-americanas. «Alea jacta est».

23. A Inglaterra afrontava também, no Ultramar, a Espanha, aliada a Paris. Havia que aproveitar a maré. Por toda a América espanhola iam surgindo pequenos surtos revolucionários, beneficiando de apoios britânicos e norte-americanos. Tornava-se necessário orientá-los e coordená-los. O homem providencial para o efeito era, sem dúvida, Francisco de Miranda.

24. Mas levantavam-se múltiplas dificuldades. Miranda e os revolucionários latino-americanos correspondiam apenas a peças do complicado xadrez da política de guerra do Reino-Unido, que Londres se disporia facilmente a sacrificar, mediante compensações que lhe fossem oferecidas pelos espanhóis.

25. Bem entendendo que assim era, e julgando de carácter relativamente mais permanente o interesse norte-americano quanto à América espanhola, Francisco de Miranda tratou de recorrer às suas velhas amizades dos Estados-Unidos, onde já estivera em 1783, tendo conhecido Jorge Washington e vários outros políticos do tempo. Lá se instalou e, em 1805, já estava preparando uma expedição militar contra as colónias espanholas, para a qual recrutou gente dos bairros portuários de Nova Iorque, tendo obtido, para o efeito, capitais de um prestamista a juro de 200%, o que não seria tão caro como isso, tendo em vista os riscos e as incertezas a vencer. Parte

da imprensa norte-americana manifestou o desejo de que Miranda viesse a ser o Washington da América do Sul. No entanto, a expedição libertadora suscitou críticas de muitos sectores nos Estados-Unidos, assim como protestos diplomáticos da Espanha e da França. Foram também muitas as disputas entre os expedicionários, já depois de embarcados em diversos navios. Quando os libertadores chegaram às costas da Venezuela, os espanhóis achavam-se preparados. A maior parte dos expedicionários foram presos, alguns fuzilados. Miranda, apesar da alta recompensa oferecida a quem o entregasse, vivo ou morto, conseguiu refugiar-se num barco de guerra inglês. Com o apoio das autoridades britânicas da Trindade e de Barbados, o caudilho revolucionário regressou às costas da Venezuela e pôs pé com os seus homens em terra firme. Mas a invasão frustrou-se pela retirada para as montanhas das tropas realistas, que levaram com eles os habitantes do litoral, os animais, os viveres, tudo quanto puderam. Rodeado dos seus soldados de ocasião, quase todos mercenários estrangeiros, Miranda lançou proclamações aos sul-americanos, que ficaram sem resposta. Era mais um fracasso. Para Francisco de Miranda e para os ingleses, que, também naquele mesmo ano de 1806, com tropas regulares, sob o comando de um general britânico, Beresford, que havia de notabilizar-se em Portugal, tentaram ocupar Buenos Aires, de lá tendo de retirar, com perdas pesadas, por capitulação para cujo cumprimento a Inglaterra pediu os bons ofícios de Lisboa junto do governo de Madrid. Afinal, não parecia fácil desalojar os espanhóis das possessões americanas. O intento só viria a ter condições de êxito, como de costume em semelhantes circunstâncias, pelas dimensões provocadas na respectiva metrópole, na base da revolta do general Riego, que Menéndez y Pelayo, em páginas memoráveis dos seus «Heterodoxos Españoles», comparou à traição de D. Oppas e dos filhos de Witizza.

26. Poderá parecer estranho que às excepcionais qualidades de Miranda tenha correspondido, através da sua vida aventureira, uma sucessão de fracassos. Não será tão estranho como isso. A sua força extraordinária, tanto física como de entendimento, tornara-o impermeável a sentimentos de humildade e à razoável ponderação das reacções dos outros. Tudo via pelo seu próprio prisma. Não suportava discordâncias. Nem mesmo nos superiores. E menos nos subordinados. Tendia a abusar da própria capacidade. Não admitia imprevistos nem imprevisíveis. Movimentava-se como se tudo dependesse dele apenas. Não terá aprendido a distinguir as missões providenciais da própria providência em si mesma. E tinha o hábito de ajuizar dos outros com independência, sim, desprendido de ideias feitas, mas não usando de recato e de moderação nos seus juízos. Serão de assinalar, como exemplos, que parecem significativos, a sua apreciação claramente negativa, sob todos os pontos de vista, acerca de Lafayette, as suas reservas quanto às qualidades de Jorge Washington, a sua disputa pública com Wellington. Acresce que usava muitas vezes de violências em relação aos subordinados, desde o tempo de capitão espanhol até ao de generalíssimo venezuelano.

27. Depois do desastre das costas da Venezuela, retraíram-se os ingleses em relação a Miranda, cuja posição se tornou muito difícil pelas exigências dos mercenários, defraudados nas suas expectativas quanto a espólios ricos, esfomeados

e ameaçadores na reclamação de salários. Foi obrigado a vender, ao desbarato, o que restava dos navios e dos equipamentos bélicos. Mas não se deparava à Inglaterra outro caulho que pudesse substituir Miranda, que, regressado a Londres, continuou a solicitar auxílios, com a insistência e a energia de sempre. Um artigo do «Times» dá ideia das perplexidades. Francisco de Miranda não seria merecedor da confiança nem do governo britânico nem dos povos sul-americanos, mas, dados os propósitos de Napoleão relativamente à América, importaria apoiá-lo. Em 1808, Arthur Wellesley, o futuro Duque de Wellington, considerava indispensável a invasão das colónias espanholas da América. A Inglaterra continuava, a pesar de tudo, a precisar de Miranda.

28. Mas, naquele mesmo ano de 1808, alteraram-se profundamente os condicionamentos, que orientaram os ingleses para outra via. A de dar apoio à revolta popular espanhola contra a França. Mas a Espanha, com o afastamento de Godoy, com o desentendimento entre Carlos IV e o Príncipe das Astúrias, futuro Fernando VII, com a entrevista de Baiona e, finalmente, com a caída de ambos em poder de Napoleão, tornara-se uma nave sem leme, onde todos julgaram poder mandar e onde todos ficaram condenados ao insucesso. Desde o Rio de Janeiro, onde a Corte portuguesa assegurava o exercício de autoridade em todos os territórios não ocupados pelos franceses, levantou-se a voz da Princesa D. Carlota Joaquina, que, sendo Infanta de Espanha, e no impedimento do pai e dos irmãos, pretendia que o poder real fosse exercido onde fosse possível. Especialmente na zona do Rio da Prata, onde Artigas criara condições que punham em alvoroço também o Sul do Brasil. Mas, do lado inglês, só o almirante Sidney-Smith terá confiado em D. Carlota Joaquina. Por isso, as Cortes de Cádiz, a pesar dos esforços de Pedro de Sousa Holstein, ministro de Portugal, em favor das pretensões da Princesa à regência de Espanha, acabaram, após hesitações, por não lhe dar apoio.

29. Através da dispersão anárquica estabelecida, convinha à Inglaterra deixar de hostilizar a Espanha, ao menos ostensivamente. Era, através de todas as dificuldades, um novo aliado contra a França. E a reflexão histórica havia de levar a concluir mesmo que, antes de Napoleão ter sido vencido pelos cossacos, nos lamaçais gélidos do Beresina, já as suas ambições de unidade europeia tinham sido quebradas, irremediavelmente, pelas guerrilhas espanholas e portuguesas, que impossibilitaram a oportuna rendição das tropas francesas na luta contra os austríacos e os prussianos.

30. Miranda e a sua gente passaram a constituir, para os políticos ingleses, peças de reserva, que importaria movimentar com extremos de habilidade, para evitar ressentimentos e receios, tanto em Madrid como no Rio de Janeiro, que comunicassem nova força aos movimentos pró-franceses, amortecidos pelas invasões da Península mas não desaparecidos.

31. Francisco de Miranda continuava, contudo, a desenvolver extraordinária actividade em Londres. Através de escritos como pelas diligências junto de políticos e militares, procurando mobilizar todas as boas e más vontades que pudessem

interessar ao seu projecto de emancipação americana. Sem excluir sequer, não obstante o seu bem conhecido anti-clericalismo, a admissível contribuição de jesuítas que tinham sido expulsos dos territórios espanhóis, com alguns dos quais Miranda manteve relações durante anos.

32. Quando se decide confiar ao futuro Duque de Wellington a expedição militar a Espanha, Francisco de Miranda foi convidado para servir de seu assessor. Mas a recusa foi da maior violência. Os ingleses iriam perder na Península, ao mesmo tempo que perderiam também a melhor oportunidade para intervir na América espanhola. De resto, Miranda só seria inimigo dos espanhóis além-Atlântico, não na Europa. E, apesar das hostilidades movidas contra ele por Napoleão, não queria também combater os franceses, seus antigos companheiros de armas nas campanhas da Revolução. Miranda ficou em Londres, mas, não obstante a sua atitude áspera, até a nível pessoal, o próprio Wellesley recomendou ao governo que não deixasse de continuar a prestar-lhe subsídios. Continuava a ser uma reserva. Francisco de Miranda gozou então de um relativo repouso, favorável aos seus estudos de arte e de literatura. Mas sem resistir à tentação de manter correspondência com os núcleos revolucionários sul-americanos, o que acabou por ser-lhe proibido pelo governo britânico, desejoso de não desagradar aos espanhóis, empenhados na luta comum contra a França.

33. Não parece que Miranda tenha acatado muito rigorosamente a proibição de se corresponder com os revolucionários da América do Sul. Datam também desta época as relações que estabeleceu com o português Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. As ligações entre eles oferecem o maior interesse. Designadamente para o entendimento de alguns aspectos da revolta republicana de Pernambuco, que decidiu em 1817 mas tinha largos antecedentes.

34. Não resisto à tentação de um breve apontamento sobre este português Hipólito José. Entre ele e Miranda são muitos os pontos de coincidência. Nascido na Colónia portuguesa do Sacramento, no Rio da Prata, Hipólito formou-se em Coimbra, em Direito e em Filosofia, sendo encarregado de negócios de Portugal nos Estados-Unidos entre 1798 e 1800, tendo servido, depois, em Londres, com D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que o denunciou às autoridades de Lisboa por irregularidades cometidas na Inglaterra contra os interesses de Portugal. Esteve, por isso, preso durante três anos, tendo-se evadido da cadeia de Lisboa. Fugiu para Gibraltar, em 1805, e daí seguiu de novo para Londres. Lá publicou, desde 1808 até 1822, o «Correio Brasiliense». E, depois de proclamada a independência do Brasil, Hipólito actuou em Londres como representante do governo do Rio de Janeiro, até à sua morte, ocorrida em 1823. Hipólito José publicou diversos trabalhos, designadamente traduções várias, e uma «História de Portugal», atribuída a uma sociedade de literatos ingleses, que foi editada em Londres, em três volumes, no ano de 1809, com aditamentos à obra da mesma epígrafe publicada pela Academia das Ciências de Lisboa, em 1783, sendo a tradução do inglês atribuída a António de Moraes Silva, magistrado também natural do Brasil. Tal como Miranda, revelou-se Hipólito um livre-pensador, ao estilo da época. Tal como Miranda, tinha Hipólito preocupações nobiliárquicas, posto que, em 1797,

requereu lhe fosse passada carta de braço com as armas dos Costas e dos Pereiras, o que obteve. Tal como Miranda, também Hipólito nasceu, viveu e fez os primeiros estudos na América, vindo completá-los no Reino. Ambos mostraram falta de conformismo frente às sociedades em que se achavam integrados, sofreram perseguições, conheceram o encarceramento.

Em Londres, Hipólito fundou uma loja maçónica, provavelmente em 1812, pois é desse ano o respectivo «Regulamento da Loja nº 184, ao Grande Oriente de Londres» impresso por Thompson. E, tendo sido a loja fundada por Hipólito José e o seu regulamento escrito em português, é de presumir que a referida loja se destinasse a portugueses. Miranda fundara também, em Londres, uma sociedade secreta de filiação maçónica, designada por «Grande Reunião Americana». Até o retrato de Hipólito, pintado por G. H. Harlow e gravado por H. R. Cook, no qual o retratado exhibe ao peito as insígnias maçónicas, revela a mesma força, a mesma decisão, as mesmas certezas, que, pela fisionomia, Lavater atribuiu a Francisco de Miranda. São bem compreensíveis, pois, as ligações estabelecidas entre Miranda e Hipólito, que se julga datarem de 1808. E é igualmente compreensível que Hipólito José, através das colunas do «Correio Brasiliense», tenha feito a apologia de Francisco de Miranda, apontando-o como destinado a tornar-se o Washington da América do Sul.

35. A partir de 1810, parece frutificar amplamente, na América espanhola, a sementeira de Miranda. A Venezuela é declarada uma nação livre. Levantam-se Bogotá, Santiago do Chile e o México. O jovem Bolívar encontra-se em Londres com o caudilho precursor. Meses depois, é o mesmo Bolívar que recebe Francisco de Miranda em Guaira. Mas a gente de Caracas acolheu-o com reservas, talvez por recear o seu jacobinismo. No entanto, em começo de 1811, a Junta revolucionária confere-lhe a graduação de tenente-general. Miranda mostra-se já um homem cansado e falho de familiaridade com os problemas da sua terra natal, afastado como andava dela havia tantos anos. E a secessão venezuelana não se revelou desde logo radical, posto que os deputados eleitos, ao abrir o Congresso, depois de ouvida missa celebrada pelo Arcebispo, juraram defender os direitos do Rei Fernando VII. O general não foi sequer chamado às cadeiras do poder executivo. Mas, alguns meses mais tarde, já foi proclamada a independência completa. Os retratos do Rei foram rasgados. Tinham triunfado os radicais e, com eles, de algum modo, Francisco de Miranda. Embora aquele «cidadão do Mundo» acabasse, afinal, por ser estrangeiro em toda a parte; e até na sua própria terra natal. O destino continuava incerto. Descontentes com as reformas empreendidas e com o papel-moeda, introduzido pelos revolucionários, espanhóis e venezuelanos pronunciavam-se, em Valencia del Rey e noutras terras contra a República nascente. Era a guerra civil. No combate aos realistas salientava-se já o jovem coronel Bolívar. Mas Miranda, responsável pelas operações militares, era duramente criticado por inúteis derramamentos de sangue e por cobranças ilegais de impostos, que lhe atribuíam. O terramoto de 26 de Março de 1812 alia-se à desolação da guerra.

36. Miranda, elevado a generalíssimo das tropas republicanas e tendo recebido poderes ditatoriais, dada a gravidade da situação, não se revelou o chefe militar que

as circunstâncias reclamariam. A sua experiência era de soldados treinados e disciplinados. Os amigos ingleses tinham-lhe recomendado moderação na luta. Miranda parecia claudicar, segundo os critérios de muitos dos seus subordinados. Tudo ruía. O próprio coronel Simão Bolívar acabou por abandonar a praça de Puerto Cabello, que lhe fora confiada, depois de apelos dramáticos a Francisco de Miranda para que lhe desse apoio. O generalíssimo passou a ser alvo de toda a sorte de acusações, como acontece tantas vezes em circunstâncias semelhantes, enquanto muitos dos mais exaltados republicanos se apresentavam ao general espanhol Monteverde, procurando exculpar a sua participação na revolta.

37. Miranda preparou-se para embarcar, mais uma vez contando com a protecção inglesa. Mas a isso se opuseram os seus oficiais, incluindo Bolívar, que decidiram prendê-lo. Imagina-se como terá sido doloroso para Simão Bolívar ter de prender o seu general, por quem o jovem coronel manifestava o maior respeito, como se vê pelas cartas que lhe dirigiu em 6 e 30 de Junho, em 12 e em 14 de Julho daquele ano de 1812 (Vd. «*Archivo del General Miranda*», t. XXI, 415, t. XXIV, 87, 280, 415, 417 e 418 ; «*Cartas del Libertador*», t. I, 29, 31, 33, 34, 35 e 36). Não queriam, porém, os oficiais que o generalíssimo escapasse, ficando os subordinados à mercê dos espanhóis. Os papéis, os dinheiros e outros valores que Miranda pusera a recato, numa fragata inglesa, seguiram sem ele. Preso pelos seus oficiais, preso continuou Francisco de Miranda, por largos meses, em La Guaira, à ordem do general espanhol Monteverde. E, depois, em Puerto Cabello. Até que, já em 1813, receando-se que, de novo, a insurreição atingisse as costas da Venezuela, levando a uma libertação do caubillo, foi Miranda transferido para uma prisão de Puerto Rico. Em fins daquele ano seguiu o prisioneiro para Cádiz, cidade onde vivera na juventude, quando capitão de infantaria.

38. Diligenciou Miranda a sua libertação, junto de autoridades espanholas como junto dos amigos ingleses, que tanto podiam em Espanha, mas não estariam, naturalmente, à vontade para agitarem a questão junto do governo de Madrid. Terminara a gesta de Francisco de Miranda. E viu-se abandonado de todos.

39. Mesmo assim, aquele gigante, difícil de abater, ainda terá tentado a evasão, empenhando nela boa parte do dinheiro que deixara em Londres, e na base da convicção de que todos os homens têm um preço. Mas faltou-lhe a saúde. O escorbuto, os transtornos gástricos, a caquexia, um ataque apoplético, impossibilitaram-no de seguir o plano traçado, com cumplicidades várias. Agravaram-se lentamente os males do grande batalhador. Rodeado na sua cela por médicos, por uma enfermeira, por dois fiéis servidores, e por todos tido o seu estado por irrecuperável, um padre dominicano abeirou-se do enfermo, a indagar se queria reconciliar-se com Deus. Francisco de Miranda, destigurado, aniquilado, mas tranquilo, com orgulho displicente, pediu ao frade que o deixasse morrer em paz. Não quebrara o seu querer, a sua coerência, a sua fidelidade a si próprio.

40. A 14 de Julho de 1816, faleceu no presídio das Quatro Torres, de Cádiz, o ilustre Francisco de Miranda, natural de Caracas, precursor da liberdade da sua terra

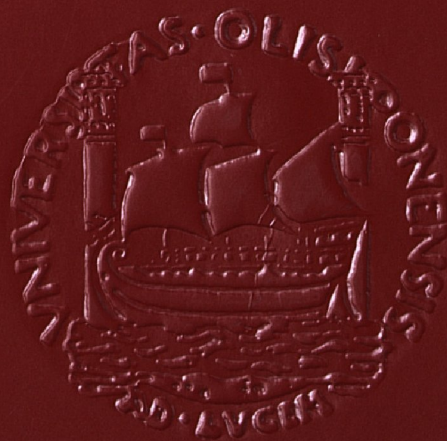
e de todas as terras da América Latina. Foi um grande homem, em cuja aventura épica e em cujo drama se projectaram todas as coordenadas características da sua época, ou mesmo de todas as épocas, na intemporalidade das hesitações dos seres humanos que sempre buscam a presença da divindade, na nostalgia de uma beleza eterna perdida, mas duvidam entre uma heteronomia divina e a concentração em si mesmos do fogo que confere aos deuses a sua própria qualidade.

BIBLIOGRAFIA

- WALDO FRANK - *Bolívar et ses Peuples*, trad. do inglês, 4ª ed., Paris, 1953
JOSÉ NUCETE-SARDI - *Aventura y Tragedia de D. Francisco de Miranda*, 4ª. ed., Caracas 1956
J.D. GARCIA BACCA - *Los Clásicos de Miranda. Autobiografía*, Caracas, 1969
M.V.MAGALLANES - *Miranda en el Ocaso*, Caracas, 1970
J. RODRIGUEZ DE ALONSO - *Miranda y su Circunstancia*, Caracas, 1982
Mémoires de Madame la Duchesse d' Abrantès, ed. Paris, 1927, Vol I
Archivo del General Miranda, 18 vols., Caracas, 1929
Cartas del Libertador, 2ª ed., 4 tomos, Caracas, 1964, 1965 e 1966
FRANCISCO DE MIRANDA, *Colombeia*, 11 vols., Caracas, 1978-1992

R E V I S T A

da FACULDADE
de DIREITO
da UNIVERSIDADE
de LISBOA



VOLUME . XXXVII
1 9 9 6

LEX